

# Falando de Minas

## Os estilos artísticos no século XIX mineiro: a retomada do neogótico

Na Província de Minas Gerais o Barroco/Rococó se estendeu praticamente até 1840 com uma surpreendente longevidade, sem paralelo com outras regiões do país. Nessa primeira metade do Oitocentos faleceram Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1814), Manuel da Costa Ataíde (1830), Francisco Xavier Carneiro (1840), entre outros artistas nativos que nos deixaram expressivo acervo de obras.

Naquele período, o Rio de Janeiro abrigava a Corte Portuguesa, em 1808, e a Missão Artística Francesa, chefiada por Joachim Lebreton, em 1816. Essa conjunção de fatores suscitou reformas urbanas para acolher o novo contingente humano e a introdução da Arquitetura Neoclássica com o experiente Grandjean de Montigny, que formou inúmeras gerações de jovens arquitetos. Todavia, essa modernização estilística só atingiria a Província de Minas Gerais praticamente no último quartel do século com a implantação das ferrovias e a dinamização da economia, que absorveram os produtos da revolução industrial como as armações de ferro, o vidro, as peças de banheiro, o concreto, o uso abundante do gesso e do ladrilho hidráulico. A implantação da nova capital no antigo Curral del Rei efetivou a modernização com a presença da Comissão Construtora.

Diante daquela estagnação da economia e do modo “tradicional” de construir e morar, tão testemunhado pelos viajantes estrangeiros, o arquiteto Sylvio de Vasconcellos considerou que praticamente não houvera século XIX nas Minas e que nelas — tinha em mira o território outrora explorado pela mineração do ouro — houve uma passagem direta para o XX. Fica claro que ele não estava se referindo ao Sul de Minas, Zona da Mata nem ao Triângulo Mineiro, que já gozavam de uma modernização em curso.

A retomada dos estilos históricos já precedentes na história da arte era realidade na Europa do século XVIII, com grande êxito no século XIX. Daí a expressão “neo” diante do estilo revivido. São eles: neomoçárabe, neogípcio, neomanuelino, neogótico, etc.

Tal historicismo permitiu escapar ao belo racional do academismo (neoclassicismo), com ênfase na harmonia das proporções, regularidade da forma, uso austero da cor, entre outros valores plásticos voltados para a disciplina. Consistia também em uma maneira de valorizar os grandes mestres do passado, demonstrando consciência social e religiosa.

Ao lado de todos esses revivalismos tem-se em meados do século XIX a Arquitetura Eclética, que pode ser classificada em Ecletismo Ortodoxo e Ecletismo Vernacular. O ortodoxo pressupõe certa austeridade, visível no conjunto das secretarias (hoje boa parte transformada em museus) e no próprio Palácio da Liberdade em Belo Horizonte. Por sua vez o vernacular é inerente àquelas construções modestas, mas com pretensões artísticas ainda existentes nos bairros Calafate, Santa Tereza, Lagoinha, etc. A maioria desses exemplares de cunho residencial já foi por terra para dar lugar a outra onda modernizadora voltada para a construção de prédios de apartamentos.

O Neogótico produziu, ao lado de prédios oficiais e residenciais, centenas de igrejas, entre elas, a do Santuário do Caraça. Idealizada como uma pequena capela (Ermida do Irmão Lourenço) de feição colonial e altares de talha barroca, a construção foi substituída por uma mais ampla e verticalizada conforme o gosto em voga. O Caraça estava fazendo as vezes de Seminário de Mariana, e as proporções da capela barroca foram consideradas tacanhas pelo padre Clavelin, superior daquela instituição. Assim a capela do ermitão Lourenço foi transformada no primeiro monumento neogótico de Minas Gerais, sendo consagrado no dia 27 de maio de 1883. Antes desta, havia no Rio de Janeiro o Edifício da Alfândega na Ilha Fiscal (1880), projeto de Adolfo José Del Vecchio. O mesmo rumo teve a Catedral da Boa Viagem e muitas igrejas coloniais, doravante neogóticas, ecléticas, enfim, dentro da feição historicista que dominou esse último quartel do século XIX e primeiro do século XX.

Adalgisa Arantes Campos<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Prof<sup>ª</sup>. associada nível 4 no Departamento de História da UFMG.